

## SUJAR: UM OU DOIS VERBOS?

Ma. Beatriz Nascimento Decat  
UFMG

Este trabalho tem por objetivo mostrar que a análise dada em Jackendoff 1972 para OPEN como verbo e como adjetivo, no inglês, não é inteiramente adequada para os dados correspondentes em português e nem mesmo para o inglês. Apresentarei, então, uma contra-proposta de análise, tomando como centro da argumentação o verbo SUJAR, e cujos resultados aplicar-se-ão também a outros verbos como ABRIR, FECHAR, QUEBRAR, etc.

Não fará parte dessa análise o adjetivo SUJO, uma vez que, em português, sua forma fonológica não é idêntica à do verbo correspondente, como é o caso de OPEN (verbo e adjetivo) em inglês.

Antes de entrar propriamente na análise semântica proposta acima, é necessário apresentar determinados pontos da teoria de Jackendoff que serão utilizados no decorrer da minha argumentação.

1. Considerando que as relações gramaticais entre o verbo e os elementos que o subcategorizam (por exemplo, a relação sujeito/verbo) são insuficientes para expressar relações semânticas subjacentes, Jackendoff postula, com base no sistema de relações semânticas de Gruber 1965 e 1967, um sistema de RELAÇÕES TEMÁTICAS (que se assemelha apenas superficialmente à teoria dos casos, de Fillmore 1968) que compreende: TEMA, LOCALIZAÇÃO, FONTE, META e AGENTE. Dessas funções, somente duas vão interessar para a discussão que virá a seguir: o TEMA e o AGENTE. A definição delas será aqui apresentada em termos de duas outras subfunções semânticas também estabelecidas por Jackendoff: CAUSA e MUDANÇA. A primeira — CAUSA — toma dois argumentos: um indivíduo e um acontecimento. O significado

dessa função semântica é de que o indivíduo causa o acontecimento.

A segunda — MUDANÇA — toma três argumentos: um indivíduo. um estado inicial e um estado final.

Assim sendo, diremos que o TEMA é o argumento de MUDANÇA que é um indivíduo; e o AGENTE é o argumento de CAUSA que é um indivíduo.

Numa sentença como

(1) João quebrou o copo

a NP "João" é o AGENTE, ou seja, o "indivíduo" que CAUSA o acontecimento expresso na sentença; a NP "o copo" é o TEMA, o "indivíduo" que sofre a MUDANÇA expressa pelo verbo "quebrar". O significado de (1) será, portanto, o de que "João causou um acontecimento: uma mudança no copo, de um estado inicial de não-quebrado para um estado final de quebrado".

O AGENTE é, geralmente, o sujeito. Já o TEMA pode ter várias posições sintáticas, como pode ser verificado pela comparação da NP "o copo" na sentença (1) e na sentença (2) abaixo:

(2) O copo quebrou.

Tema

Existe, também, a possibilidade de uma NP expressar simultaneamente essas duas funções — a de TEMA e a de AGENTE. Por exemplo, na sentença (3)

(3) Humberto voltou de São Paulo no domingo

a NP-sujeito "Humberto" é AGENTE porque é o "indivíduo" que causa o acontecimento; e é o TEMA porque é o "indivíduo" que sofre a mudança expressa na frase.

O componente semântico irá, portanto, derivar as relações temã

ticas de uma sentença a partir da estrutura profunda, sendo que o verbo da sentença é que determina a relação. Conseqüentemente, a entrada léxica do verbo deve correlacionar relações gramaticais e relações temáticas (o que será feito através dos traços de subcategorização estrita). Um entrada léxica compreenderá, então,

$$\left[ \begin{array}{l} \text{propriedades fonológicas} \\ \text{propriedades sintáticas} \\ \text{PROPRIEDADES SEMÂNTICAS} \end{array} \right]$$

2. Segundo Jackendoff, um constituinte pode ter uma mesma função semântica embora ocorra numa sentença como sujeito e noutra como objeto. Entretanto, ao desenvolver o seu modelo e ao aplicá-lo a OPEN, parece fugir ao que ele mesmo estabeleceu, dando três entradas léxicas distintas para OPEN como adjetivo, como verbo transitivo e como verbo intransitivo, as quais transcrevo abaixo.

$$(4) \left[ \begin{array}{l} \text{open} \\ + A \\ + \left[ \text{NP}^1 \text{ be } \underline{\quad} \right] \\ \text{OPEN (NP}^1) \end{array} \right]$$

$$(5) \left[ \begin{array}{l} \text{open} \\ + V \\ + \left[ \text{NP}^1 \underline{\quad} \right] \\ \left[ \text{CHANGE} \right] \quad (\text{NP}^1, \text{NOT OPEN, OPEN}) \\ \left[ \text{physical} \right] \end{array} \right]$$

$$(6) \left[ \begin{array}{l} \text{open} \\ + V \\ + \left[ \text{NP}^1 \underline{\quad} \text{NP}^2 \right] \\ \text{CAUSE (NP}^1, \left[ \text{CHANGE} \right] \quad (\text{NP}^2, \text{NOT OPEN, OPEN}) \\ \left[ \text{physical} \right] \end{array} \right]$$

De acordo com essa análise, o verbo SUJAR terá também duas entra-  
das léxicas distintas (deixando de lado o ADJETIVO), isto é, uma como  
verbo intransitivo, e outra como verbo transitivo, como se segue:

$$(7) \left[ \begin{array}{l} \text{SUJAR}^1 \\ + V \\ + [ \text{NP}^1 \text{ — } ] \\ \left[ \begin{array}{l} \text{MUDANÇA} \\ \text{física} \end{array} \right] \quad (\text{NP}^1, \text{LIMPO}, \text{NÃO-LIMPO}) \end{array} \right]$$

$$(8) \left[ \begin{array}{l} \text{SUJAR}^2 \\ + V \\ + [ \text{NP}^1 \text{ — } \text{NP}^2 ] \\ \text{CAUSA} \left( \text{NP}^1, \left[ \begin{array}{l} \text{MUDANÇA} \\ \text{física} \end{array} \right] (\text{NP}^2, \text{LIMPO}, \text{NÃO-LIMPO}) \right) \end{array} \right]$$

As sentenças (9) e (10) abaixo seriam exemplos da aplicação de  
(7) e (8) acima:

(9) A roupa sujou

(10) Marta sujou a roupa

Vemos, portanto, que, de acordo com o que Jackendoff postulou,  
SUJAR tem a mesma distribuição de ABRIR (OPEN):

(11) A porta abriu

(12) Carlos abriu a porta.

Essa análise, no entanto, é falha, pois perde uma generalização  
importante, que se resume no fato de que a NP que num caso é sujeito  
e noutro é objeto é a mesma, e com igual função semântica, ou seja, a  
de TEMA. Em outras palavras, a NP<sup>1</sup> de (7) é a NP<sup>2</sup> de

(8). Essa talvez seja uma razão para se dar uma única entrada léxica para SUJAR (assim como para OPEN), pelo menos como verbo, e a variação de função sintática da NP em questão será explicada por transformação. Além dessa coincidência de função semântica há a coincidência da forma fonológica.

Lembremos, aqui, da posição de Fillmore (1970) quanto a verbos como QUEBRAR (BREAK), para os quais, segundo ele, há a possibilidade de não haver uma NP-agente, como nas sentenças abaixo:

(2) O copo quebrou

(13) A pedra quebrou o copo (em que "a pedra" é instrumento)

em comparação com

(14) Pedro quebrou o copo (com a pedra)

o que o leva a postular a existência de um único verbo BREAK, em vez de três.

Com a postulação de (15)

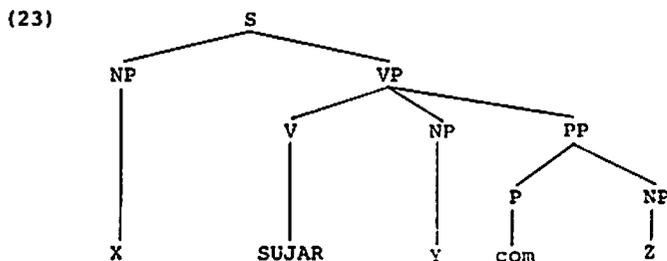
(15) (agente) (instrumento) X

dá ele as seguintes possibilidades:

- a) havendo somente X (em que X será, por exemplo, a NP "o copo", X será o sujeito. É o caso de (2);
- b) havendo agente, X será objeto, e o agente será sujeito - cf. (14);
- c) havendo instrumento
  - c.1. - e não havendo agente, o instrumento será sujeito - cf. (13);
  - c.2. - havendo agente, o instrumento será uma locução prepositiva instrumental - cf. (14).

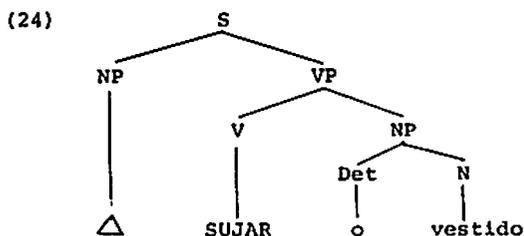


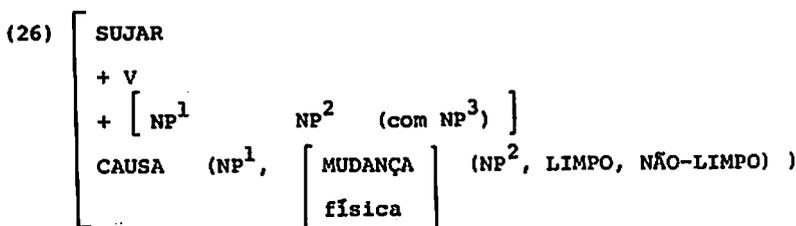
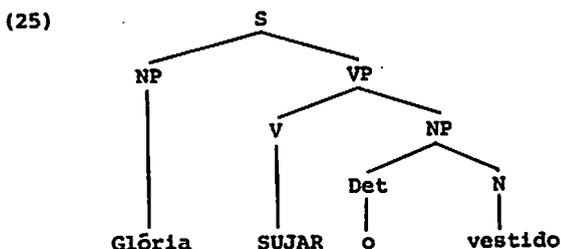
em que X será a NP-agente, Y a NP-tema e Z o instrumental (optativo).  
O diagrama abaixo mostra-nos melhor a forma dessa estrutura profunda:



Adotando a terminologia de Jackendoff, direi que, para casos como (18) e (19), ou mesmo como (16) e (17), a função semântica de CAUSA, que tem o agente como um dos argumentos, não se realiza concretamente, ou seja, nenhum item léxico preencherá essa posição na estrutura profunda. Em outras palavras, o símbolo posição  $\Delta$  não será substituído por nenhum item léxico. Nesse caso, então, teremos as possibilidades estabelecidas por Fillmore, e que serão atingidas através de transformações.

Dou, abaixo, as estruturas profundas (24) e (25) para as sentenças (18) e (20), respectivamente; e, a seguir, uma única entrada léxica para SUJAR.

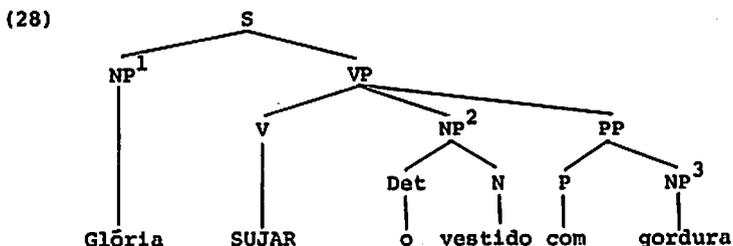




A presença, em (26), do constituinte optativo que inclui  $\text{NP}^3$  indica a possibilidade de inserção de SUJAR numa estrutura como a que deu origem a

(27) Glória sujou o vestido com gordura

cuja estrutura profunda dou a seguir:

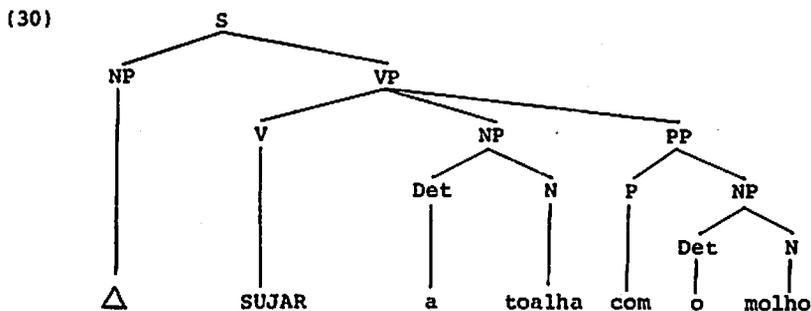


À estrutura (24) aplicar-se-á uma transformação que carregará a  $\text{NP}^2$ , objeto, para a posição de sujeito, já que há na estrutura profunda um nódulo de NP-sujeito, o que está de acordo com a restrição de "structure preserving" de Emonds (1970).

Do mesmo modo, para uma sentença como

(29) O molho sujou a toalha

a estrutura profunda será



à qual se aplica uma transformação que carrega a NP que está dentro da PP instrumental para a posição de sujeito. (OBS.: não nos interessa aqui o modo pelo qual foi eliminada a preposição).

Poder-se-ia aplicar à mesma estrutura uma transformação (idêntica à outra, talvez) que carrega a NP-objeto para a posição de sujeito, dando origem à estrutura superficial (31):

(31) A toalha sujou com o molho.

Nesse ponto cabe uma crítica à análise de Jackendoff, pelo menos para o caso de OPEN. Os traços contextuais dados por ele nas entradas léxicas desse verbo como transitivo e como intransitivo referem-se à estrutura superficial. Isto quer dizer, a meu ver, que aquela configuração sintática só será alcançada depois de aplicadas à estrutura profunda as transformações acima mencionadas. E é exatamente aí que penso estar a falha da análise de Jackendoff, permitindo, indiretamente, que a inserção léxica se faça na estrutura super

ficial, perdendo, ao mesmo tempo, uma generalização importante com relação ao verbo OPEN.

3. O modelo de Jackendoff nos leva a estabelecer duas entradas lêmicas para o verbo SUJAR. No entanto, essa não é a solução ideal.

Q fato de que

- a. existe identidade de forma fonológica;
- b. uma mesma NP é sujeito num caso e objeto noutro (ou também instrumental num caso e sujeito noutro);
- c. em todos os casos essa NP tem a mesma função semântica, ou seja, a de TEMA;
- d. todas as variações podem ser explicadas por transformações

vem comprovar que a melhor análise consistirá em postular uma única entrada lêmica para o verbo SUJAR. E o mesmo tipo de análise poderá aplicar-se a verbos como ABRIR (como OPEN), QUEBRAR (como BREAK), FECHAR, etc.

## BIBLIOGRAFIA

- EMONDS, J.E. Root and Structure-Preserving Transformations.  
Doctoral dissertation, Massachusetts Institute of Technology.  
Bloomington, Indiana University Linguistics Club, 1970.
- FILLMORE, C. The Case for Case. In: BACH & HARMS. Universals  
in Linguistics Theory. New York, Holt, Rinehart and Winston,  
1968.
- . The Grammar of Hitting and Breaking. In: JACOBS & ROSEN-  
BAUM, ed.. Readings in English Transformational Grammar.  
Waltham, Ginn and Company, 1970.
- GRUBER, J.S. Studies in Lexical Relations. Doctoral dissertation,  
Massachusetts Institute of Technology. Bloomington, Indiana  
University Linguistics Club, 1965.
- . Look and See. Language 43:937-947, 1967.
- JACKENDOFF, R.S. Semantic Interpretation in Generative Grammar.  
Cambridge, The MIT Press, 1972.